

RAZÕES DE UM ACÔRDO INTERNACIONAL DO CAFÉ

Na recente reunião dos Ministros da Fazenda e Economia, realizada pelo Conselho Interamericano Econômico e Social, em Petropolis em fins de novembro de 1954, foi resolvido pelos países americanos

"que a Comissão Especial do Café, dependente do CIES, realize, através de um comitê designado entre os seus membros, um exame acurado da situação mundial do café e de suas possíveis perspectivas para o futuro"

e que

"se desse estudo se chegar à conclusão de que se pode obter a estabilidade de preços adequados mediante um convênio internacional de café, que essa mesma comissão elabore um projeto e o submeta à consideração dos Países membros da Organização, atingidos pelo problema, tendo presente os interesses dos países produtores e consumidores"

Nas discussões de ante-sala que precederam a elaboração da presente resolução, notou-se perfeito entendimento entre os países produtores quanto às necessidades de um acordo internacional para evitar quedas e altas violentas nas cotações do café. Não foram porém discutidas as razões fundamentais de um tal acordo ou as obrigações que seriam impostas aos países que dele se tornassem membros. Havia como que um entendimento tácito a respeito de que um acordo era necessário e satisfatório a todos. Devido a isso, a proposta inicial foi redigida de forma muito positiva, determinando simplesmente, após curto considerando, que a Comissão estudasse as bases de um acordo internacional e que o apresentasse aos países produtores e consumidores até 31 de dezembro. O representante dos Estados Unidos foi quem se contrapôs à medida, alegando que necessitava de informações que comprovassem a necessidade de um acordo e somente concordou em aprovar a resolução quando esta foi modificada, conforme os dizeres acima, isto é recomendando primeiramente um estudo da situação para ver se há necessidade de um acordo.

Posição Estatística do Café: - São diversas as razões que falam em favor de um acordo internacional de café. A posição estatística do produto, do ponto de vista internacional, ainda se mostra favorável. As previsões para

o suprimento mundial em 1954/55 são variáveis com as fontes coletoras. Estima o Bureau Pan Americano a produção em 31,5 milhões; o Departamento de Agricultura de Washington calcula em 33,8; e agências particulares, por sua vez, em 32,6, atualizado recentemente para 33,8, para um consumo provável de 33,2. Os estoques são relativamente pequenos, tendo o Brasil iniciado este ano com um "carry-over" de 3,3 milhões apenas. Segundo informações do Departamento de Agricultura de Washington, o "carry-over" dos demais países é, também, pequeno. Tal "carry-over" não pode mesmo ser considerado normal, pois representa apenas cerca de 10% do consumo mundial e não se mostra suficiente para atender o consumo no caso de ocorrer mais um ano calamitoso, de geadas ou secas fortes e prolongadas.

Todavia, as perspectivas para o futuro são de um suprimento mais abundante; o plantio de novas lavouras no Brasil, principalmente no Norte do Paraná, tem sido muito intenso. O mesmo ocorre nos demais países produtores da América, África e Ásia, onde os aumentos são de ritmo moderado, mas de caráter mais permanente. Existe, pois, o receio de que essas novas plantações tragam um aumento de produção que redunde numa queda sensível de preços.

Café, Produto Sujeito a Crise de Preço: - O café é um produto que, por suas características de produção e consumo, acha-se sujeito a fases de produções elevadas e preços baixos seguidas por outras de pequena produção e preços altos. Sendo uma planta que leva 4 a 6 anos para iniciar a produção, o plantio de novas lavouras, quando os preços são bons, tende a se processar em escala maior do que seria necessário para trazer os preços em níveis normais. Enquanto a produção das primeiras novas lavouras não entram no mercado, outras estão sendo plantadas sob estímulo dos bons preços, resultando num volume excessivo de produção.

A procura do café não é de molde a absorver esse aumento de produção, pois é pouco elástica do ponto de vista de seus preços. Quando as produções são abundantes, os preços caem sensivelmente, porque não há aumento correspondente do consumo. Na época de abundância de café, a tendência é, pois, de aumentarem os estoques e de caírem os preços.

E sendo o café planta que se mantém em produção até por 50 ou mais anos, os períodos de crise são muito longos, pois uma vez plantado, a tendência do agricultor é manter suas lavouras em produção, ainda que com prejuízo, na esperança de dias melhores. São, pois, largos, os períodos de produção excessiva e preços baixos e muito curtos os de preços bons.

Defesa de Preços no Passado:- No passado, coube ao Brasil cui dar sôzinho dêsse problema. Por três vezes, em 1906, 1917, 1921 e, por último, em 1924, procede mos a intervenção no mercado, retirando os excedentes e, às ve zes, proibindo o plantio de novas áreas. Nas três primeiras ve zes, a operação liquidou-se com grande sucesso. A mercadoria re tida foi devolvida ao consumo em anos posteriores, com benefi cio real para produtores e consumidores que puderam, assim, go zar de preços mais estáveis. Tratavam-se de desequilíbrios, de vido a anos esporádicos de safras excessivas.

As estatísticas mostram que a produção mundial de 1901 até 1926 e 27 sobe vagarosamente de 16 a 22 milhões de sacas, com apenas certos anos de produções mais elevadas. O crescimen to do consumo mundial se processava em ritmo que permitia ab sorver o aumento de produção que ocorria em São Paulo, ou em ou tras regiões do Brasil e dos demais países produtores. De 1928 em diante surgem produções elevadíssimas, que variam de 35 a 43 milhões de sacas, e isso devido principalmente ao aumento de produção do Estado de São Paulo, graças à abertura e à rápida colonização de suas novas áreas produtoras.

A partir da intervenção de 1924, que se efetuou em ca ráter permanente em 1926, entra-se, portanto, num período de produções excessivas em caráter permanente.

Tratou o Brasil de enfrentar o problema resolutamente, retirando do mercado parte de sua produção. Ainda que muito criticado, não haveria outra alternativa, pois tratava-se de um fato consumado.

As produções afluíam para o mercado mundial, e este, que consumia em média 20 a 22 milhões de sacas, não podia ab sorver as safras volumosas que então se colhiam no Brasil e em outros países, de mais de 40 milhões de sacas. Se tivesse sido entregue tóda essa safra no mercado, os preços teriam descido a níveis ínfimos e sem se conseguir com isso, aumento sensível na quantidade consumida. As estatísticas mostram que a queda que então ocorreria, em que o café passara de 22 centavos por libra para 12,9, trouxera apenas um pequeno aumento de consumo. E, ainda que fôsse permitido maior queda nos preços, o aumento de consumo também seria muito pequeno, pois a diminuição abaixo dos níveis então correntes, de 12 centavos, pouco representaria sobre o preço do café torrado ao consumidor, em vista da margem da comercialização ser em 1930 de cerca de 26,86 centavos por libra para os Estados Unidos e, naturalmente, de mais de 30 nos países que cobravam tarifas na importação do café. E, além do mais, o café é produto de baixo preço, com o qual o

consumidor gasta parte ínfima de sua renda, calculada para o caso dos Estados Unidos, na ocasião, em apenas 0,75%. Não seria, pois, com preços baixos que se obteria um aumento de consumo.

Não poderia, o Brasil permitir que as grandes produções de café fôsem encaminhadas livremente ao mercado. Isso não resultaria em aumento de consumo de maior importância e a queda dos preços se processaria em níveis tais, que a receita total obtida com sua venda seria inferior à que se obteria com a oferta de volumes menores.

A crítica que caberia, então, ao nosso país, seria a de não ter conseguido a participação dos demais países produtores, os quais, ausentes do plano, se aproveitaram para ampliar suas lavouras e agravar ainda mais a situação, lançando maiores safras no mercado. Outra falha do plano foi o de não ter incluído os países consumidores.

Perspectivas para o Futuro:—No momento, os países se vêem novamente em fase de um possível novo ciclo de superproduções, de características idênticas à que se iniciou após 1924/26. O plantio que se processa em diversos países e, principalmente, no Norte do Paraná, poderão trazer um extenso período de produções excessivas, não obstante ser a produção do Paraná mais sujeita ao fenômeno do frio. Resta saber se os países deverão aguardar passivamente o desenrolar dos acontecimentos, ou se deverão agir enfrentando resolutamente o problema e, desta vez, num movimento conjunto de países produtores e consumidores, evitando, dessa forma, os erros do passado.

Ao contrário do que ocorreu no passado, não se pode esperar que um único país proceda à necessária retenção de estoques e a regularização das entradas no mercado. A produção de café acha-se agora melhor distribuída entre os diversos países e o Brasil não tem o mesmo interesse que teve no passado em defender sozinho uma política de preços. A economia interna de nosso país acha-se mais diversificada e fortalecida com o tremendo impulso industrial que aqui se processa, o que lhe permite, no caso de uma crise cafeeira, mais fácil transferência de recursos para outras atividades não agrícolas ou agrícolas de consumo interno, cujo mercado é agora amplo e não se acha adequadamente suprido.

As dificuldades de uma crise cafeeira serão sentidas no Brasil, principalmente em sua balança cambial. Nos demais países produtores, o impacto de uma tal crise será sentido profundamente em suas próprias economias internas, que não podendo modificar-se facilmente, terão que se adaptar a padrões de vi

da mais baixos, impostos pelos preços ínfimos do café.

É natural, pois, que todos os países produtores de café estejam interessados em um acôrdo internacional do café.

Deixando de haver um acôrdo nêsse sentido, a luta de preços certamente se processará, pois a diminuição dos preços para cada país representa maior volume de vendas. O consumo do café se mostra pouco elástico em relação aos preços, sòmente quando se considera o seu consumo global; do ponto de vista de cada país, a situação se modifica, pois que através de uma pequena diminuição de preços podem vender muito maior volume, uma vez que substituem, assim, do mercado, os cafés de outras procedências. E essa luta de preços, uma vez travada, será de maléfica consequência para todos.

Reconhecemos que não é tarefa fácil obter resultados satisfatórios com um acôrdo internacional de café. O acôrdo tem que estipular a proibição de novos plantios, a estocagem dos excedentes a regularização das entradas nos mercados e o incremento da propaganda para aumento do consumo, pois só assim podem-se evitar os efeitos de um ciclo de produções excessivas. E essas medidas não são fáceis de serem conseguidas de um grupo de nações produtoras cujos interesses nem sempre se mostram iguais e que muitas vèzes não dispõem de organização para efetivá-las em seu território. Ainda que tôdas as nações reconheçam vantagens economicas em colaborar com as medidas estabelecidas pelo acôrdo será difícil e trabalhoso tornar essas medidas efetivas. Todavia, embora de execução imperfeita, acreditamos que um acôrdo se mostrará mais vantajoso aos produtores do que o de sencadear de uma luta de preços baixos, que sempre termina em prejuizo para todos.

NOTA— Após a conclusão deste artigo, constatamos que a Colombia começará a vender os seus cafés a preços inferiores aos do Brasil, não respeitando dêsse modo o acôrdo que teria sido firmado entre o Brasil a Colombia e o representante da Federação, nos últimos meses do ano passado.

Não dispomos de maiores informações a respeito. Temos para que se tenha iniciado a guerra de preço acima referida. Desejamos que isso não se verdade, pois os inconvenientes de uma tal atitude são de consequências imprevisíveis para a economia dos países produtores.

É possível que os responsáveis pela nossa política cafeeira ainda possam evitar esse conflito. Entretanto, se isso não ocorrer, torna-se imprescindível uma modificação drástica e rápida em nossa política de defesa de preços, para que possamos enfrentar resolutamente essa política de preços baixos dos países nossos concorrentes, sem o que ficaremos novamente acumulando estoques, enquanto os nossos concorrentes vendem os seus cafés.